

# Sarney não fala de Constituinte ao inaugurar poços na Amazônia

JORNAL DO BRASIL

28 JUL 1988

URUCU (AM) — Visivelmente tenso, um dia após o pronunciamento em cadeia de rádio e televisão no qual criticou duramente o texto da Constituinte, o presidente José Sarney inaugurou três poços petrolíferos na região de Urucu, município de Coari, no Alto Amazonas, e preferiu não dar prosseguimento às críticas, esquivando-se de comentar o reinício dos trabalhos constitucionais.

Acompanhado de D. Marly e dos ministros do Gabinete Militar, Rubem Bayma Denis, e das Minas e Energia, Aureliano Chaves, do presidente da Petrobrás, Armando Guedes do ex-presidente da empresa, coronel Ozires Silva — a quem os operários da plataforma dedicaram a festa — e do governador do Amazonas, Amazonino Mendes, Sarney desembarcou às 10h20min (hora local) no aeroporto de Tefé, de onde seguiu de helicóptero para a plataforma de Urucu.

Um dos integrantes da comitiva comentou que o dia “já havia começado mal para Sarney”. Logo pela manhã, ele teve de trocar de avião, ainda na Base Aérea de Brasília, para prosseguir viagem até Manaus. O Boeing presidencial apresentou pane em um dos motores, sendo substituído por um Lear Jet. No final da tarde, quando o presidente já estava prestes a embarcar de volta a Brasília, já sabendo que o texto constitucional havia sido aprovado pela Constituinte. O mesmo membro da comitiva arrematou: “A tendência agora é piorar”.

**Independência** — Em seu discurso de 25 minutos, em tom mais inflamado do que os anteriores, Sarney considerou a descoberta de petróleo na Amazônia “um fato que marca a vitória da luta brasileira pela independência energética, e a afirmação da soberania nacional”. E continuou: “E por que eu acredito no Brasil? Porque é um país novo, um país que começa a vencer e vencerá todos os seus problemas. A Petrobrás é um exemplo disso”.

Enquanto o presidente discursava, o ministro do Exército, Leônidas Pires Gonçalves, telefonou para a plataforma de Urucu. Também o ministro Ronaldo Costa Couto, do Gabinete Civil, telefonou, enquanto Sarney abria a torneira do primeiro poço inaugurado. Nenhum dos dois conseguiu falar com ele. Às 3h30min, o presidente decolou de volta ao aeroporto de Tefé, sem comentar os boatos dando conta que o ministro da Previdência Social, Renato Archer, estaria demissionário. E a Constituinte mereceu apenas um comentário: “Eu acho que a Constituinte vai servir a esse Brasil que nós estamos providenciando”, concluiu.

O pronunciamento que o presidente José Sarney fez anteontem à nação teve respaldo do ministro da Marinha no governo Figueiredo, almirante Maximiano da Fonseca, e do ex-presidente da Petrobrás, Ozires Silva. Maximiano, que atualmente integra uma das diretorias da empresa, afirmou que “o problema do Brasil é político: essa

## Aureliano empurrado briga com segurança

■ Quase no final da solenidade de inauguração do poço de Urucu, houve um desen-tendimento entre o ministro Aureliano Chaves e um segurança do Planalto. O fotógrafo oficial da Presidência da República, Gervásio Batista, pediu que o presidente Sarney posasse com dona Marly para uma foto. prontamente o segurança entrou em ação para abrir espaço, e empurrou Aureliano, dizendo: “Este lugar é do presidente.” De dedo em riste e aos gritos, Aureliano reagiu: “Este poço é meu, você está entendendo? Não repita mais isso, não repita mais isso.” O presidente Sarney não tomou conhecimento do incidente.

inflação de 24% já é consequência dessas decisões tomadas pela Constituinte. O que está havendo é muita ambição, casuísmo e demagogia por parte de vários constituintes”.

**Estrela** — O ministro concordou que o presidente Sarney se dirigiu à nação “na hora certa”: “Se alguém falou que o país está ingovernável, alguém vai ter que governar. Bagunça não pode ter”.

Muito aplaudido pelos operários da plataforma de Urucu, Ozires Silva, afastado da empresa por ter discordado publicamente da política econômica do governo, roubou a cena principal da solenidade tornando-se a estrela da festa.

Pouco à vontade nas poucas vezes em que foi visto ao lado do presidente Sarney, o coronel Ozires endossou as palavras de Sarney em relação aos custos da Constituinte: “Alguém precisava falar sobre as coisas que estão acontecendo no país. O Brasil não pode se isolar do mundo.” — afirmou, acrescentando que nenhum outro país teria assumido compromissos tão pesados para o seu orçamento.

Segundo o ex-presidente da Petrobrás, “Ninguém tem direito de fazer pequeno um país tão grande.” Sobre seu afastamento da empresa, Ozires Silva revelou que continua sendo amigo do presidente, apesar de todas as divergências: “O problema de um governo não pode ser uma simples ação entre amigos” concluiu.

O ministro Aureliano Chaves considerou “excelente o discurso do presidente”. Durante seu discurso, Aureliano lançou farpas ao presidente. Referindo-se aos operários da Petrobrás como “o Brasil de hoje”, insinuou, por diversas vezes, que a Petrobrás só sobreviveria às dificuldades financeiras se o governo não insistir no corte de verbas à empresa.